

O REIZINHO

Véspera da coroação, à noite: ei-lo só, o reizinho, no seu quarto esplendoroso. Os cortesãos haviam-se retirado, curvando a cabeça até ao chão, de acordo com a pragmática daquele tempo, e encontravam-se agora no vestíbulo maior do Paço, a fim de receberem as últimas lições do mestre de cerimónias — visto alguns deles ainda conservarem certa naturalidade de maneiras, o que num palaciano constitui falta grave, escusado será dizer.

O rapazinho — pois tinha apenas dezasseis anos — não entristecera com o facto de os ver partir; até se reclinara, com um suspiro de alívio, nas almofadas macias do leito bordado e ali permanecera esgazeado e boquiaberto como um fauno dos bosques ou um animal bravo recentemente capturado.

Na verdade, dir-se-ia ter sido apanhado na rede, quase por acaso, descalço e de gaita pastoril, quando conduzia o rebanho do pobre cabreiro que o criara e de quem sempre se imaginara filho. Nascido da filha única do rei, dum casamento secreto com alguém de mais baixa condição (parece que estrangeiro e tocador de alaúde, de cuja música maravilhosa a princesa se enamorara, fora arrancado do

lado da mãe, enquanto esta dormia, e entregue aos cuidados dum casal de camponeses sem descendência, habitantes dum lugar que ficava na remota floresta, distante cerca de vinte e quatro horas de jornada. O pai, a quem se atribuía a qualidade de artista, desaparecera de repente da cidade, deixando incompleto o trabalho que executava na Catedral; e a mãe morrera logo ao despertar, de dor ou de peste, segundo o físico da corte, ou pela acção dum subtilíssimo veneno italiano, conforme insinuavam outros. Quando o portador da criança, escudeiro fiel, se apeou do cavalo estafado e bateu à porta da cabana do pastor, o cadáver da filha do rei baixava à mesma cova dum cemitério rural onde se diz que já repousava outro corpo, o de um rapaz de peregrina beleza, cujas mãos haviam sido atadas atrás das costas e cujo peito estava retalhado de muitas feridas rubras.

Tal a história que se propalava à boca pequena no país. O certo era que o rei velho, ou movido pelo remorso ou para evitar somente que o trono se apartasse da sua linhagem, mandara buscar, à hora da morte, aquele neto renegado e, na presença dos seus conselheiros, o reconheceu como seu sucessor. Desde o momento em que havia sido legitimado, o rapazinho dera provas de entranhada paixão pelas coisas belas, paixão que havia de ter tão grande influência na sua vida. Os que o acompanharam aos aposentos que lhe estavam reservados muitas vezes aludiram ao grito de alegria que se lhe escapara dos lábios ao ver o vestuário precioso e as jóias de tanta valia que se destinavam ao seu uso pessoal; notaram também a satisfação quase selvática com que se despojara da grosseira túnica de couro e do não menos rude capote de pele de cabra. É claro que de tempos a tempos se lembrava com saudade da existência livre de outrora e se aborrecia com o cerimonial

enfadonho da corte, tão demorado que lhe ocupava grande parte do dia; mas o palácio maravilhoso de que era dono presentemente aparecia-lhe também como um novo mundo feito de propósito para seu regalo, e, logo que podia fugir da mesa do despacho e das audiências, precipitava-se pela escadaria, ladeada de leões de bronze dourado e coberta de pórfiro cintilante, e vagueava de sala em sala, de corredor em corredor, como quem procura achar na beleza um refrigério para a dor e um cordial para a fraqueza.

Nesses dias de descoberta (como ele os classificava) e que eram, de facto, autênticas viagens através dum reino encantado, fazia-se acompanhar, com frequência, pelos esbeltos e loiros pajens do seu serviço, os quais tinham capas esvoaçantes e faixas de cores alegres. Noutras ocasiões, porém, ia só, pois sentia, por instinto natural, que os mistérios da arte se aprendem melhor em segredo e que a Beleza, do mesmo modo que a Sabedoria, concede a preferência ao adorador solitário.

Durante este período contaram-se a seu respeito muitas histórias curiosas. Dizia-se que um burgomestre qualquer, ao vir à capital a fim de apresentar certa reclamação em favor dos seus munícipes, o surpreendera ajoelhado diante dum quadro trazido de Veneza e cujo assunto parecia ser a adoração de novos deuses. Doutra vez estivera afastado durante horas, sem que ninguém soubesse do seu paradeiro, até que o foram descobrir, depois de buscas porfiadas, num dos torreões setentrionais do palácio, extasiado defronte duma jóia grega esculpida, que representava a figura de Adónis. E fora visto ainda, a dar crédito a estes boatos, poisando os lábios ardentes na face de mármore duma estátua antiga, encontrada no leito do rio

aquando da construção duma ponte de pedra, e onde se lia, inscrito, o nome do escravo bitíneo de Adriano. Uma noite inteira passara ele deslumbrado com o efeito do luar numa imagem de prata de Endimião.

Fascinavam-no todas as matérias raras e preciosas e, na ânsia de as obter, despachara muitos mercadores, uns para junto da rude população piscatória dos mares do Norte, onde há o tráfico do âmbar, outros para o Egipto, em busca dessa estranha turquesa verde que só se encontra nos túmulos dos faraós e dizem possuir propriedades mágicas, outros para a Pérsia a fim de comprarem tapetes de seda e vasos pintados, e outros para a Índia, onde adquiririam gazas e mármore de cor, pedras opalinas, pau de sândalo, esmaltes azuis e xailes de lã finíssima.

Todavia, o que mais o ocupara fora o traje a usar no dia da coroação, fato de oiro tecido, coroa cravejada de rubis, ceptro com aros e fiadas de pérolas. Era nisso, realmente, que ele pensava nessa noite, reclinado no luxuoso leito e observando a acha de pinho que ardia no fogão. Os desenhos, feitos pelos mais famosos artistas da época, haviam-lhe sido submetidos uns meses antes, e o reizinho dera ordem para que os mestres e oficiais trabalhassem noite e dia e que se percorressem todos os países em cata de jóias que fossem dignas de figurar no adereço real. Via-se já no altar-mor da Catedral, no seu belo traje de soberano, e, ao pensar em tais coisas, brincava-lhe nos lábios infantis um sorriso e tremia-lhe nos olhos obscuros um brilho novo.

Passado algum tempo levantou-se e, apoiando-se ao panno de fogão esculpido, circunvagou a vista pelo quarto imerso em penumbra. Das paredes pendiam tapeçarias opulentas que figuravam o Triunfo da Beleza. Preenchia um canto certo armário embutido de ágata e lápis-lazúli; em frente da janela ostentava-se uma escrivaninha singu-

larmente trabalhada, com painéis de mosaico dourado e de laca, e sobre a qual se viam copos admiráveis de cristal de Veneza e um vaso de ónix raiado de negro. Na colcha de seda da cama estavam bordadas papoilas pálidas, como se houvessem caído das mãos fatigadas do sono; e sustinham o dossel de veludo altas colunas de marfim estriado, donde se erguiam para o tecto de prata fosca tufo de penas de avestruz. Um Narciso risonho segurava, acima da cabeça, um espelho cintilante. Sobre o tampo da mesa descansava uma taça baixa de ametista.

Lá fora, avultava a imensa cúpula da Catedral, luzindo como uma bolha imensa acima das casas indefinidas; viam-se também as sentinelas fatigadas que iam e vinham na esplanada húmida, junto ao rio. Mais longe, no pomar, cantava um rouxinol. Através da janela aberta entrava um vago aroma de jasmim. O reizinho lançou para trás a madeixa castanha e encaracolada que lhe pendia na testa e, pegando num alaúde, deixou correr os dedos pelas cordas. Pesaram-lhe as pálpebras, invadiu-o uma estranha lassidão. Nunca antes sentira, nem com tão vivo e apurado gosto, a magia e o mistério das coisas belas.

Quando a meia-noite soou no relógio da torre, ele tocou uma sineta e os pajens entraram e despiram-no com todo o cerimonial, deitando-lhe água de rosas nas mãos e aspergindo-lhe o travesseiro de flores. E adormeceu pouco depois de eles haverem saído.

Sonhou durante o sono, e eis o que o seu sonho foi:

Estava num sótão comprido e baixo, entre o zumbido e o estardalhaço de muitos teares. Pelas janelas gradeadas espreitava a luz pálida do dia, mostrando-lhe o rosto magro dos tecelões que se curvavam no trabalho. Sob vigas-mestras agachavam-se crianças macilentas, de ar doentio.